

CONFERENCIA 18 DE JULHO DE 2024

O SENTIDO PROFUNDO DA DOAÇÃO RECÍPROCA NO CASAL.

María Asunción de la Fuente e Xosé Manuel Domínguez Prieto. Ourense-15

Gostaríamos de começar por agradecer ao Edgardo e à Clarita, bem como à Mercedes e ao Alberto, o convite para estarmos aqui hoje com todos vós, neste ambiente fraterno e de encontro.

Fomos convidados a falar-vos sobre o significado profundo da doação recíproca em casal. E queremos refletir convosco, não para sabermos mais sobre a doação recíproca, mas para que cada um de nós no nosso casal saiba e queira doar-se mais e melhor.

E antes de começarmos, deixem-nos iniciar com uma metáfora musical. Poderíamos dizer que cada um de nós é como uma melodia. Vamos supor que é esta: (é tocada uma melodia). Imaginemos que esta é uma melodia masculina. Agora vamos tocar uma melodia feminina. Vamos imaginar que é esta: (é tocado a melodia). Pois bem, a plenitude de cada uma não vem de ser tocada isoladamente, mas resulta do seu encontro, do facto de cada uma acolher a outra e de dar à outra tudo o que é. Então elas soariam assim: (é tocada uma peça musical). E, como fruto deste encontro, podem resultar novos ritmos, novas sequências harmónicas, ou seja, tornarem-se fecundas, como por exemplo desta forma (é tocada uma peça musical).

Do mesmo modo, do encontro amoroso do homem e da mulher, que brota da doação recíproca, nasce um movimento de fecundidade, de doação... Vamos agora falar sobre isso.

1. A doação recíproca nasce de um encontro profundo

Cada um de nós é sustentado pelos encontros com as pessoas mais importantes das nossas vidas. Todos nós somos-de pessoas que nos amaram e somos-para aqueles que amamos. Na verdade, somos todos de Deus, que é o nosso Alfa e Ómega e somos para Ele. Somos amados, criados, chamados e enviados. E somos-para Ele, porque o nosso objetivo biográfico será o encontro pleno com Ele.

Este mesmo dinamismo de ser-de e de ser-para encontramos-lo ao longo da nossa vida com as outras pessoas. Peço-vos que recordeis agora, com afeto, aqueles que vos amaram e graças a quem sois quem sois: avós, pais, irmãos, educadores, pessoas significativas das nossas comunidades, das Equipas. Podemos dizer que somos o que somos a partir deles. Pensem agora nas pessoas a quem são chamados a amar: família, amigos, membros da equipa, vizinhos... Podemos dizer que somos-para Eles.

Ao longo da vida vamos tendo encontros com pessoas que ou tecem as nossas vidas ou que ajudamos e encorajamos a construir as suas. Em sentido estrito, em que consiste um encontro? Em estarem presentes duas pessoas, *acolhendo-se e dando-se reciprocamente*. No encontro, cada uma das pessoas *quer que a outra seja quem é chamada a ser*. Cada um dos dois apoia, capacita e incentiva o outro a crescer como pessoa. E isto com reciprocidade.

Mas não basta que estejam juntas duas pessoas para que haja um verdadeiro encontro. Normalmente, não há um encontro pleno entre o caixa do supermercado e o cliente, ou entre duas

peças que se sentam juntas no metro ou que vão juntas assistir a um jogo. Pode até ser que um casal homem-mulher se encontrem para se divertir, para passear ou jogar juntos, que enviem WhatsApps um ao outro, mas não haja um encontro profundo entre eles. De facto, na era do individualismo e do isolamento, os encontros autênticos não são tão comuns.

O encontro profundo é aquele em que há de forma consciente, um acolhimento e uma doação recíprocos, dando assim origem a um «nós».

No encontro autêntico, o outro com quem me encontro apresenta-se como *alguém que me desafia, alguém que me afeta com a sua presença, como um acontecimento*. O encontro "toca-vos profundamente". O outro, ao fazer-se presente, é *epifania*: faz-se presente como um rosto concreto que me interpela. O teu marido, a tua esposa, é alguém que interpela a tua vida, que te afeta, que não te deixa indiferente? É o que acontece no casal: o outro para mim é uma interpelação contínua, um chamamento. O vosso cônjuge é um convite a deixarem-se destronar, a saírem do centro das vossas vidas e a atendê-lo de modo a que a vossa vida se converta numa resposta à sua pessoa.

Para aqueles de nós que somos casados e vivemos a partir deste encontro profundo, a nossa vocação consiste em responder a este apelo que é o outro para mim. Digam agora ao vosso marido ou mulher: tu és um chamamento para mim!

Viver torna-se assim em viver atento ao outro, em passar a viver para o outro. Se tiverem realmente um encontro autêntico com o vosso cônjuge, perderão a vossa soberania, já não poderão dedicar a vossa vida a agradar a vós mesmos ou a estar no centro das vossas preocupações. Pelo contrário, sentem, com felicidade, que só se encontram convosco mesmos se incluírem o vosso cônjuge como vossa prioridade, assumindo a responsabilidade de o fazer feliz, de o servir.

2. O encontro acontece no "estilo Emaús"

Como é possível o encontro? Para que seja possível o encontro entre duas pessoas, devem estar presentes as seguintes atitudes:

- a. Que cada pessoa seja capaz de *sair de si mesma*, dos seus esquemas conceptuais anteriores sobre o outro e sobre aquilo de que estão a falar. Devem ser banidas as atitudes egocêntricas, pois impedem a atenção ao outro. Mas sair de si mesmo para ir ao encontro do outro e caminhar com o outro.
- b. Que quem sai para ir ao encontrar se coloque *no ponto de vista do outro*. Isto permite que os que se encontram possam dialogar e comunicar, abrindo-se cada um à riqueza do outro.
- c. Que cada um dos que se encontram se ponha *à escuta do outro*, sem se fechar cada um dentro da sua própria ideia ou nos seus esquemas aprendidos. Trata-se de *escutar ativamente, sem julgar, sem condenar, sempre pedindo desculpas, sempre compreendendo*. Trata-se de se abrir ao outro como ele é, respeitando-o e não fingindo que é como *eu* quero que seja. Escutar o outro é deter-se nele.
- d. Que cada um dos que se encontram se deixe *interpelar pelo outro*. O encontro só existe na medida em que cada um reconhece o outro e está aberto a ser interpelado por ele. "Viver significa ser interpelado."



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



e. Que cada um *responda ao outro*. Se o outro é alguém que me acontece e que me interpela, não tenho escolha a não ser responder-lhe. O outro descentra-me e chama-me a dar resposta à sua presença. Mas a resposta não pode ser confiada aos hábitos, às receitas. O outro não é um caso diante do qual possa pôr em ação um protocolo de atuação aprendido. Tenho de responder ao outro que me interpela com a minha ação, com a minha palavra e com a minha vida. O resultado deste encontro é a reciprocidade do dom de si e da aceitação do outro.

Como costumam viver o exercício de pôr de lado as vossas preocupações, esquemas e dos vossos pontos de vista para se abrirem aos dos vossos cônjuges? Quanto tempo de qualidade dedicam a escutá-lo, tanto verbal quanto não verbalmente? Tentam compreendê-lo? Deixam-se interpelar por ele? Colocam a vossa vida ao serviço dele como resposta à sua vida?

3. Uma reciprocidade de doação e de acolhimento

A reciprocidade é essencial ao encontro. "Não tentem debilitar o significado da relação: relação é reciprocidade", diz Martin Buber. Isto implica que a vida das pessoas consiste em viver em *direção a* outros e *para* outros. Correlativamente, eu só posso existir por outros: o "eu" recebe a sua existência do "tu" e o "tu" recebe-a do "eu". E isto implica que deve haver dois movimentos básicos nesta relação: *acolhimento incondicional do outro e doação ao outro*. Desta forma, ficamos mais completos na medida em que somos mais para o outro.

Esta reciprocidade exige que o outro seja tratado como pessoa (com a sua dignidade) e, além disso, como *essa* pessoa concreta, e nunca como um objeto ou um instrumento para os meus propósitos ou que desempenha um papel ou função específicos. É por isso que há algumas *atitudes que impossibilitam a reciprocidade* no encontro e na doação:

Antes de mais *para indisponibilidade*. Consiste em estar disponível apenas para os próprios interesses, mas nunca para a vida dos outros. É renunciar a qualquer horizonte de responsabilidade que ultrapasse o próprio limite individual. Um paradigma desta postura é a pergunta de Caim, depois de questionado pelo irmão: "Sou, porventura, guarda do meu irmão?".

Em segundo lugar, a *indiferença*. É a situação em que eu não me importo com o outro. A sua vida não é algo *me acontece*, mas que lhe acontece e que não me afeta. O outro não é alguém a quem eu tenho de responder pelo que quer que seja. Esta indiferença pode manifestar-se como silêncio, como não chamar pelo nome e, portanto, como não o considerando como pessoa. Esta indiferença e imunidade em relação ao outro torna-se destrutiva do outro e, claro, da própria relação pessoal. A indiferença para com o outro é uma tragédia dolorosa na vida em comum que leva da convivência à mera coexistência.

A coisificação também pode consistir em *acusação*. Consiste em encarregar-me do outro apenas para o acusar, para me estabelecer como juiz do outro, para o rotular, para o desqualificar. Esta, além de ser uma forma de violência, é uma forma de coisificação que impede todo encontro e todo o diálogo. Decorre da pretensão de que o outro se submeta aos meus critérios de como se deve comportar. Mas isso nada mais é do que a sua coisificação, a tentativa de o alienar. A acusação leva a satanizar e a demonizar as relações pessoais (*Satanás* em hebraico significa adversário, acusador).

Finalmente, as formas mais radicais de coisificação tornam-se na *redução* do outro ao inventariável (a um conjunto de qualidades ou papéis). É quando consideramos o outro como

englobado, como mera função, como mera coisa ao meu serviço, como um instrumento para o meu uso ou prazer.

Diante dessas formas que impossibilitam a reciprocidade no encontro, vamos analisar, já no contexto do encontro conjugal, as formas adotadas por esses dois movimentos que estão sempre unidos, ligados: acolhimento e doação. Não há doação sem acolhimento prévio e não há acolhimento sem doação.

4. A pessoa como aceitação acolhedora do outro

Abrir-me ao meu cônjuge no contexto do nosso encontro de vida significa, antes de mais, *aceitá-lo* tal como é. É isto pressupõe, em primeiro lugar, que o aceite como pessoa (e renunciar a tomá-lo como instrumento, como coisa, como parceiro, ou por causa do seu papel). Em segundo lugar, que eu o aceite como sendo *essa* pessoa, ou seja, não de forma impessoal, como uma pessoa qualquer, mas sim como uma pessoa concreta, com esse rosto concreto, que está presente na minha vida, que me acontece. Pressupõe, portanto, que não me empenhe em que seja como eu quero ou como eu desejo, mas sim em respeitá-la na sua diferença e em amá-la tal como é.

Aceitar o outro significa *compreendê-lo* enquanto pessoa, compreender que é alguém diferente de mim. Aceitar pressupõe abrir-me a vivenciá-lo como alguém concreto, exclusivo, único. Foi o que Adão disse a Eva: "Tu és única para mim", embora nesse tempo não houvesse muito mérito em dizê-lo porque não havia outra.

Portanto, não se trata de tentar conceptualizá-lo ou analisá-lo a mas, basicamente de o amar. Para Buber, compreender o outro é compreendê-lo na "sua totalidade, unidade e exclusividade". Portanto, aceitar o outro é tomá-lo na sua totalidade pessoal, não o reduzindo a nenhum de seus elementos psíquicos, corporais ou sociais. É descobrir que é um mistério inesgotável. Digam agora à vossa esposa ou marido: és um mistério para mim! Só dando-nos ambos conta de que somos um todo, únicos, exclusivos, é que se pode surgir o encontro surpreendente e fecundo em que consiste a vida conjugal. Já perderam o espanto pelo vosso cônjuge?

Aceitar o outro é, além disso, *afirmá-lo*, torná-lo firme, consolidá-lo no seu ser pessoal. Implica, antes de mais, afirmar com o meu comportamento a sua dignidade, a sua identidade pessoal e fazê-lo ver através das minhas atitudes o quanto é importante para mim. Trata-se de lhes mostrar no dia a dia que sou responsável por ele, que é importante para mim. A pergunta que vos faço agora é: sabem como fazê-lo? Já perguntaram ao vosso cônjuge se ele gosta que lhes mostrem que o amam e que é importante para vós? Perguntem-lhe agora... e enfrentem as consequências. [Deixar alguns segundos para fazerem a pergunta um ao outro]

5. A pessoa como um presente para o outro. A fundamentação pessoal

A par do movimento de acolhimento e aceitação, as pessoas têm a capacidade de se doar aos outros. Mas não apenas capacidade, mas sim que qualquer pessoa tem, em si mesma, uma estrutura ontológica de doação. Isto significa que, para vivermos plenamente como pessoa, somos chamados a

doar-nos. Ser capaz de ser um dom para o outro é, de acordo com Karol Wojtyła (o filósofo polaco que mais tarde trabalhou em Roma noutra coisa com grande sucesso durante 27 anos), o que define ser pessoa.

Sermos capazes de nos doarmos, juntamente com a capacidade de aceitar o outro, são os dinamismos que fundam e dão origem à comunidade e, de modo especial, à comunidade matrimonial. Comunidade, diz Wojtyła, "é um modo de ser em que, existindo e agindo reciprocamente (e, portanto, não existindo e agindo apenas em 'comum') através desse agir e ser, se confirmam e afirmam mutuamente como pessoas". O dom de si, diz também Wojtyła, «dá início à relação e, de certo modo, a cria, precisamente porque se dirige a outra pessoa ou pessoas», de modo que funda não só a relação conjugal, mas também a família.

De facto, a pessoa só pode estar a caminho da plenitude, só pode crescer e encontrar-se plenamente através do dom de si mesma. Este dom deve ser um dom do que se é (e não apenas do que se tem) e um dom gratuito. Por isso, Wojtyła afirma que "se servisse algum 'interesse' de um lado ou de outro deixaria de ser um dom; seria talvez um favor ou até um ganho, mas não seria um dom."

Este ser um dom para o outro, longe de diminuir a pessoa, longe de a limitar ou de a acorrentar, é o que permite o seu crescimento. Só há crescimento pessoal a partir do dom de si mesmo. No casal só é possível a partir do dom de cada um dos dois ao outro. Como é possível que uma pessoa se doe? Podemos dar o que temos, mas como damos o que somos? Sobre isso, Karol Wojtyła diz que: "o mundo das pessoas tem as suas próprias leis de existência e de desenvolvimento. O dom de si, enquanto forma de amor, brota das profundezas da pessoa com uma visão clara dos valores e a disponibilidade da vontade de se entregar [...]. No dom de si, encontramos, portanto, uma prova surpreendente de autodomínio." Enquanto pessoas somos capazes de nos darmos na medida em que possuímos as nossas vidas. Portanto, se a nossa vida é nossa, por dom de Deus, podemos colocá-la à disposição dos outros. Embora também possamos optar por não a colocar.

No encontro conjugal, cada um de nós é um dom para o outro. Digam agora ao vosso marido, à vossa esposa: quero dar-me a ti, quero ser um dom para ti [Deixar alguns segundos] O que está a acontecer agora? Ocorre o milagre do "nós". Neste "nós" cada um é apoio, fonte de possibilidades e de impulso para o outro e para a comunidade matrimonial.

Por favor: prestem atenção a estas três aspetos, porque são constituintes para cada um de nós: na doação, cada um de nós torna-se para o outro *apoio, capacitação e impulso para a própria vida*. De modo que, através do dom da minha vida e o meu cônjuge da sua, fundamos a nossa comunidade matrimonial e, de alguma forma, também nos apoiamos reciprocamente para sermos plenos. Esta forma de fundamentação recíproca, que já se verifica na comunidade matrimonial, manifestar-se-á mais tarde na sua plenitude na vida familiar, que, como veremos no final, é fruto da doação recíproca que transborda para os outros.

6. A estrutura da unidade matrimonial que resulta da doação recíproca

A relação sponsal (palavra que vem do termo latino *spondere*) é aquela que responde (em latim *respondeo*) à presença do outro no *nós*. Neste *nós* conjugal, cada um é chamado em referência ao outro: *em, em direção a, para e pelo outro*. Por isso, esta unidade que brota do dom de si manifesta-se sob estas diversas formas:



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



1. *Eu-em-ti, tu-em-mim: consiste em estarem ambos na plena presença recíproca, fundando a comunidade matrimonial. Agora é no "nós" que encontro o "tu". Desta forma, desenvolvemos um projeto comum. Mas pode acontecer que, quando nos casamos, cada um dos cônjuges venha com as suas próprias expectativas sobre como gostaria que o outro fosse, sobre o que espera receber do outro e como gostaria que fosse a relação. E assumimos que o outro tem de as conhecer. É um erro, porque o outro tem muitos dons, mas certamente não tem o dom da adivinhação! Como não é habitual que coloquemos todas estas expectativas em comum nos primeiros anos, vivemos como se o outro tivesse de as conhecer sem que lhas digamos. As primeiras tensões surgem então, porque enquanto um esperava passar as tardes de domingo com seus pais, o outro esperava fazer ir passear; porque enquanto um prefere poupar, o outro prefere comprar a prestações; enquanto um queria ter filhos já, o outro preferia fazer mais uma viagem, ou enquanto um preferia dedicar algum tempo a compromissos sociais ou eclesiais, o outro imaginava que o que fariam à tarde era ver filmes na Netflix ou na Amazon Prime enquanto bebiam um Vinho Verde de Monção. Pode acontecer que um não saiba quais são as intenções e expectativas do outro e que ele não tenha comunicado as suas. Portanto, surgem as frustrações e os aborrecimentos, porque cada um pensa que o outro não é o que pensava que era ou não age como pensava que deveria. Portanto, só uma comunicação fluida pode tornar explícito o programa que cada um traz e a elaboração de um em comum, um projeto comum, no qual ambos concordam e cedem. Nesse sentido, têm de conversar e pôr-se de acordo em relação a várias questões-chave sobre as quais têm de se sentar e conversar de vez em quando:*

2. *Tu em direção a mim; eu em direção a ti. Cada um dos cônjuges orienta a sua vida para o outro. Cada um fica em função do outro e do "nós" que fundam juntos. Este ser "em direção a" desenvolve-se na comunicação recíproca em todas as suas formas como modo de fazer o outro participar da minha vida. Essa comunicação implica assiduidade no diálogo (dedicar tempo para poder dialogar), melhoria no diálogo (escutarem-se, não se julgarem, serem transparentes dizendo um ao outro como veem as coisas, o que sentem, o que precisam e aceitar tudo o que o outro me diz), não fugir do diálogo nas crises, melhorar a comunicação não verbal...*

3. *Eu-para-ti, tu-para-mim. A presença do seu cônjuge é chamamento, é o modo como a vossa vocação se concretiza dia após dia. E o chamamento exige uma resposta: acolher o outro na sua totalidade e dar-se inteiramente ao outro. A vocação cristã para o matrimónio consiste em dar-se ao outro, em doar-se ao outro, e assim cresce cada um e o nós que constituem. Como entregar-se ao outro todos os dias? Hoje mesmo: Que passo podem dar? Neste sentido, esclarece São João Paulo II, numa das audiências gerais em que expôs a sua teologia do corpo, que este dom de si, através do pecado, pode transformar-se num desejo de apropriação do outro, pervertendo o sentido do «tu-para-mim»: «Se o homem se relaciona com a mulher, a ponto de a considerar apenas como objeto para dela se apropriar e não como dom, ao mesmo tempo condena-se a si mesmo a tornar-se também ele, para ela, apenas objeto de apropriação, e não dom », esclarecendo depois algo essencial: "Os termos «meu... minha», na eterna linguagem do amor humano, certamente não têm - certamente - esse significado. Indicam a reciprocidade da doação, exprimem o equilíbrio do dom – talvez isto precisamente em primeiro lugar – isto é, aquele equilíbrio do dom, em que se instaura a recíproca*



communio personarum. E se esta é instaurada mediante o dom recíproco da masculinidade e da feminilidade, conserva-se nesta também o significado sponsal do corpo. Na verdade, as palavras «meu... minha», na linguagem do amor, parecem uma radical negação de pertença na medida em que um «objecto-coisa material» pertence ao sujeito-pessoa."

4. *Eu por ti, tu por mim*, ou fundamentação pessoal na comunidade matrimonial. O que acontece no *nós* conjugal é um crescimento pessoal de cada um dos seus membros. E isto é assim porque a comunidade matrimonial, de certo modo, funda pessoalmente cada um dos seus membros. Já não sou só *eu* por ti, mas *eu* e *tu* por *nós*. Ao ser cada um apoio, fonte de possibilidades e impulso para o outro, na comunidade matrimonial dá-se, eminentemente, uma fundamentação pessoal do outro. E isso desenvolve-se num estilo de vida que é o amor. O amor consiste na doação recíproca e realiza-se cuidando da relação de múltiplas formas: detalhes do afeto físico diário, introduzindo rotinas de afeto e evitando o tédio do quotidiano, pedindo afeto se o necessitam, mas não o exigindo, dando afeto e dizendo "amo-te", surpreendendo-se diariamente com o mistério e o que é positivo no outro, dedicando-lhe tempo exclusivo, tendo com ele pequenos cuidados. Tudo isto pode ser conseguido com um procedimento simples: olhar para o outro como se fosse a primeira vez que o vemos, porque em parte é assim, ou como se fosse a última vez que o pudéssemos ver. Dediquemos agora alguns segundos para olhar um para o outro como se fosse a primeira vez. [Deixar por alguns segundos]. Agora apertamos as mãos com força e olhamos um para o outro como se fosse a última vez que vamos estar juntos. Nesta perspetiva entendemos que ser para o outro significa cuidar de pequenos momentos de intimidade todos os dias, implica também saber perdoar-se continuamente e agradecer por tudo. Trata-se, acima de tudo, de ter vontade de promoção recíproca, de querer que o outro seja quem é chamado a ser.

Assim, o amor não é apenas constitutivo do nosso casal, mas também o *significado* da relação, o seu porquê. A comunidade matrimonial, pelo amor que a constitui, é uma realidade preñe de sentido, revelando a sua função primordial: a promoção recíproca. Como diz o filósofo francês Maurice Nédoncelle: "no amor, há um desejo de promoção recíproca, um desejo de ajudar o outro a ser uma perspetiva universal, a possuir para se dar, a não se isolar, mas a estabelecer a ordem em todas as questões e aí mesmo encontrar o seu próprio desenvolvimento". Amar é, portanto, desejar a plenitude do outro, o que é bom para o outro, a realização do que é valioso no outro, e trabalhar efetivamente para isso.

7. Abertura e fecundidade: ser a partir de nós mesmos

A doação recíproca dos cônjuges torna-se fecunda e projeta-se nos outros. Esta fecundidade é o que faz com que o casal atinja a sua plenitude, o que nunca aconteceria num casal fechado em si mesmo, auto-enclausurado. Assim como a Trindade é dom recíproco e transborda na Criação do Pai, nos carismas do Espírito Santo e na Eucaristia do Filho, assim também o dom recíproco no casal transborda na fecundidade, no tornar-se dom para os outros.

É precisamente este o ponto a partir do qual o dom que a Eucaristia ilumina, mas também fortalece e preenche, o dom que pressupõe a doação recíproca no casal. E isto é assim para que, poderíamos dizer, da mesma forma que "A Igreja vive da Eucaristia", como diz a décima quarta carta encíclica de



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



São João Paulo II, também *o casal vive a partir da Eucaristia*. O casal vive do Cristo eucarístico e é isso que permite ao casal, como aos discípulos de Emaús, abrir os olhos e neles reconhecer Cristo, e em Cristo, qual é a sua própria vocação. Assim, assim tal como «a Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom entre muitos outros (...) mas como o dom por excelência, porque dom d'Ele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada», também o dom recíproco dos esposos no casal não é apenas mais um dom, mas o dom total da sua vida, no qual estão se unem à própria doação de Cristo. Por isso, há uma referência paralela e recíproca entre a entrega de Cristo à sua Igreja e a dos esposos um ao outro. Ao instituir a Eucaristia, Cristo «não se limitou a dizer: «Este é o meu corpo (...) mas acrescentou: "entregue por vós"». E tal como Cristo não se entrega num sentido lato, mas dá a sua própria vida e nos dá o seu próprio corpo, este é o mesmo grau de doação recíproca a que é chamado o casal. E, por isso, a sua plenitude não se esgota neles, mas transborda fecundamente.

A fecundidade é o modo comunitário de se doar. A comunidade matrimonial é, pela sua essência, abertura a terceiros. A luz do vosso casal existe para ser espalhada. E essa difusão é fecunda, fértil. Nisso radica a vossa felicidade. O vosso casal dar de si é precisamente *darem-se, oferecerem-se, doarem-se, comunicarem com os outros*.

Embora o termo *fertilidade* geralmente se refira à sua dimensão biológica, não é a única. Vamos distinguir várias formas de fecundidade da comunidade matrimonial. A primeira é fundamental. As outras são formas de fertilidade fundadas na primeira.

1. *Fecundidade recíproca*

A *fecundidade recíproca* é a forma fundamental da fecundidade. Todas as outras formas de fecundidade repousam sobre esta, que se apresenta como fundamento das demais. Se é possível a fecundidade biológica, social ou pessoal, é porque há uma comunidade matrimonial que cresce em direção à sua plenitude (o que é o mesmo que dizer em direção à sua santidade).

Mas, atenção, a esta fecundidade, dado que nos referimos a um matrimónio cristão (embora o que descrevemos a partir da antropologia seja válido para qualquer relação conjugal homem-mulher), falta-nos um fator definitivo. O P. Caffarel di-lo com uma clareza cristalina: «O casal cristão não é apenas a doação recíproca do homem e da mulher; é também a doação do casal a Cristo. A partir daí, Cristo está presente neste casal que, doando-se, se abre a Ele"».

2. *Fecundidade biológica*

Embora hoje seja surpreendentemente negado pelo *Teoria do Género*, é evidente que, da anatomia e fisiologia humanas, do seu dimorfismo e funções, decorre naturalmente a possibilidade de, da fecundação física, gerar filhos. E como a doação e a aceitação do outro, por serem totais no amor conjugal, englobam também a dimensão corporal sexual, é claro que a fecundidade biológica é o resultado natural da relação amorosa. Ora, esta fecundidade, porque ocorre numa comunidade de pessoas, está necessária e indissolvelmente ligada a outra: a fecundidade pessoal que se manifesta

na paternidade e na maternidade. Dar fisicamente à luz uma criança traz consigo dar-lhe de si mesmo como pessoa.

Uma vez que a fecundidade biológica é uma fecundidade fundamental, no caso de a esterilidade tornar impossível atualizá-la ou realizá-la, isso não impedirá outras formas de fecundidade (incluindo a adoção ou o acolhimento). O que realmente impede a realização da plenitude e da fecundidade não é, em si mesmo, o facto de não poder concretizar uma forma de fecundidade, mas o facto de poder, isto é, ter a possibilidade, e não querer.

A dimensão sexual não é algo que a pessoa *tem*, mas sim algo que é. Por isso, qualquer ação em que intervenha de forma ativa e como *protagonista* o sexo, ou seja, toda a sexualidade, tem, para além do seu significado biológico, um significado pessoal e, portanto, um valor que ultrapassa os limites do sexual. Portanto, a fecundidade biológica é, *stricto sensu*, uma fecundidade pessoal. Não se trata, portanto, do exercício de uma mera função biológica, mas de um ato criador pessoal que, além disso, traz consigo a necessidade e a responsabilidade de desenvolver a paternidade e a maternidade espirituais (que, na realidade, podem ser desenvolvidas sem gerar fisicamente filhos).

A doação biológica de si não é um ato de produção, mas de fundação, de fundação da pessoa do filho, de iluminar o que é o outro, de dar luz. A união é luminosa e esclarecedora. É tal como aquilo que é portador de luz não pode ser separado do facto de iluminar, também a união de pessoas, na sua dimensão física, não é separável do facto da iluminação biológico-pessoal.

3. *Fecundidade social*

A fecundidade, o desdobramento da comunidade matrimonial, também tem uma projeção social. E tem-no num duplo sentido: no sentido de acolher o outro, o diferente, o estranho à comunidade; e no compromisso com o que é *de fora*, com o que é valioso a realizar na sociedade ou no mundo. Vejamos, para terminar, cada uma das duas.

1. *Fecundidade como acolhimento: a hospitalidade*

A *hospitalidade* é uma forma de desdobramento da comunidade, uma vez que se trata de oferecer a nossa riqueza aos outros. Nasce, então, da vontade de partilhar o que se é e o que se tem, acolhendo os outros. Trata-se de se abrir a e de acolher os que, em princípio, são estranhos. É, e não só num sentido metafórico, *abrir a casa*, franquear a intimidade a um estranho. A quem abrimos a nossa casa? A nossa casa é uma casa aberta? Abrir a nossa casa é um ato de doação, de oferenda, mas também nos coloca numa situação de vulnerabilidade. Não há dúvida de que abrir eventual, ou permanentemente, a casa a um ou mais amigos, a outra família, é uma *ação de risco*, que transgride a nossa estabilidade e tranquilidade. No entanto, é uma prova de maturidade, de generosidade e de magnanimidade em que se manifesta a capacidade de doação desta comunidade.

De qualquer caso, a hospitalidade implica o reconhecimento da pessoa acolhida na sua dignidade. E isto tem uma gradação que vai desde a escuta atenta do outro estranho e o *acompanhamento de outros*, até a abertura física da casa para abrigar o outro permanentemente. Além disso, essa

gradação ocorre noutra sentido: a que vai do exercício da hospitalidade com alguém já próximo até à hospitalidade com o *estranho*.

Vemos, então, como a hospitalidade, tal como outras formas de fecundidade, pressupõe também um descentramento, um sair de si mesmo para tomar o outro sobre si. Mas este alargamento de horizontes, para além dos horizontes da própria comunidade, paradoxalmente não destrói a comunidade matrimonial, antes a fortalece e enriquece *o nós*. E, também paradoxalmente, poder ser hospitaleiro e fechar a casa empobrece-nos e endurece-nos.

Por fim, há que dizer algo muito importante: a hospitalidade é uma das formas mais genuínas e originais de evangelizar, porque, como afirma o P. Caffarel: «O lar cristão não se limita a oferecer as suas riquezas humanas (...); dá aos seus convidados as riquezas dessa graça que a habita (...). A sua grande riqueza espiritual é a presença de Cristo, que faz desta comunidade familiar uma pequena igreja.»

2. *Fecundidade como doação: compromisso social*

A fecundidade da comunidade matrimonial também se pode projetar fora dela, fora do *lar*, adotando várias formas de estabelecer a justiça e, mais do que a justiça, trabalhando na promoção de um universo pessoal, participando num processo de personalização da sociedade.

O compromisso de cada casal implica assumir responsabilidades, ambos como casal ou um com o apoio do outro, nas várias áreas do mundo em que estão presentes: pode ser feito na política (sendo membro de um partido ou sindicato, por exemplo), na educação (como educadores, professores, participando ou dirigindo uma escola de pais), na religião (liderando grupos, evangelizando, catequizando), em atividades solidárias (em associações, em grupos que aliviam a pobreza local, em movimentos solidários, cuidando de idosos), em movimentos de bairro, em movimentos culturais, acompanhando outros casais, na promoção da verdade, da beleza ou do bem nas suas diversas formas. Idealmente, ambos os cônjuges deveriam ter uma participação ativa, embora também se possa dar o caso de ambos estarem presentes, um de forma ativa e o outro de forma delegada ou passiva (embora apoiando o cônjuge na sua ação).

4. *Fecundidade comunitária: família e outros grupos comunitários*

A maternidade e a paternidade biológicas prolongam-se numa maternidade e numa paternidade pessoais, espirituais. Quem nasce é acolhido como tarefa para os progenitores. E a missão consiste agora na promoção do seu ser pessoal. Este é o facto que fundamenta a família. A família surge quando a comunidade matrimonial se doa em diversas formas de fecundidade pessoal, sendo as mais frequentes as da paternidade e da maternidade. Mas a chave está em exercer a paternidade e a maternidade espirituais, de modo que, mesmo não podendo ter filhos, se possa ser fecundo e, portanto, família. A criança e todos aqueles a quem consagramos juntos a nossa vida redimensionam a comunidade matrimonial. Esta comunidade matrimonial integra-se, assim, numa comunidade mais ampla, gerada por eles próprios, mas mais ampla do que eles próprios: a família. Por isso, Lacroix



afirma que "o verdadeiro casal é uma descoberta progressiva e um aprofundamento contínuo do ser familiar".

Mas o ponto culminante da vida familiar, neste sentido lato, o próprio ápice da paternidade e da maternidade espirituais e da sua fecundidade, é, como afirma o P. Caffarel: «gerar e formar 'adoradores no espírito e na verdade', para que o culto ao verdadeiro Deus se perpetue na terra». Para que seja possível, o casal tem de fazer uma experiência contínua de Cristo, pois como menciona o Evangelho de São João: «Sem mim nada podeis fazer» (João 15, 5). E isto significa que, sem oração e sem Eucaristia, não é possível a fecundidade evangelizadora.

Fica então claro que a fecundidade comunitária do casal não acaba na sua família. Está, naturalmente, orientada para o encontro fecundo com outros casais e com outras comunidades.

A vossa missão como casal não tem como horizonte último a vossa família, mas, na realidade, toda a humanidade. Também nós somos convidados a ir pelo mundo inteiro e anunciar a Boa Nova do matrimónio.

A vossa vida de casados é uma aventura maravilhosa, tem uma missão maravilhosa, e o mundo inteiro está pendente da nossa plena manifestação. Atrever-nos-emos, como casal, a dizer "Ecce" e ousaremos dizer "Fiat"? Atrevem-se? Se assim o fizermos, no finalmente cantaremos Magnificat!
[Momento Musical]

Muito obrigado a todos.

